

Processo de criação do livro ilustrado infantil *Selina e os corsários* *Creation process for the children's picturebook Selina e os corsários*

Laila Alves, Elizabeth Romani

livro ilustrado, ilustração, roteiro, design editorial, livro infantil

Este artigo aborda o processo de criação de um livro ilustrado, intitulado *Selina e os corsários*, apresentando um recorte de uma pesquisa maior. A parte aqui descrita foi desenvolvida ao longo de quatro meses. A presente explanação se constitui da descrição das etapas e das tomadas de decisões para adequação do projeto ao seu público-alvo, crianças entre 8 e 9 anos, e à proposta de complementaridade entre texto e imagem. O objetivo deste artigo é discutir sobre as fases de criação desta categoria de livro a partir da concepção do roteiro e posterior caracterização dos personagens.

picturebook, illustration, editorial design, children's book

This paper approaches the process of creating a picturebook called "Selina e os corsários", developed over four months. This study consists of the description of each step of the process and the decision making behind adapting the project to its target audience: the reader in development, also the proposition of complementary text and image. The goal of this paper is discuss the phases of development of children's books, from the conception of the script to, later, the characterization of the cast.

1 Introdução

O livro ilustrado, ou *picturebook*, é uma categoria literária na qual a ilustração e o texto têm a mesma relevância. Impressos desde o século XVIII, são considerados um marco na literatura infantil, pois envolvem a comunicação entre as linguagens verbal e não-verbal para criar sua narrativa, o que permite maiores oportunidades de experimentação gráfica. Os estudos de Van der Linden (2011) e Nikolajeva & Scott (2011) procuram comprovar a importância e a necessidade desses livros para os mais diversos públicos como expressão artística e cultural.

O projeto aqui descrito abrange áreas de design editorial e da literatura infantil que podem servir de base metodológica para trabalhos similares. Lins (2004) ressalta que o design editorial para crianças ainda carece de estudos que levantem seus aspectos técnicos e formais. Acredita-se que pesquisas como essa ampliarão a discussão de possíveis sistemas de produção narrativa. Apesar deste artigo ser um recorte de uma pesquisa maior, seu propósito é descrever o processo de criação de um livro ilustrado infantil, mostrando desde a concepção do roteiro até a obtenção do protótipo final.

2 Desenvolvimento

Este projeto iniciou-se com a revisão bibliográfica sobre literatura infantil e design do livro, especialmente relacionados ao livro ilustrado, por exemplo, Coelho (1991), Van der Linden (2011), McDonald (2010) e McKee (2010). Após o levantamento de dados necessários para entender como desenvolver o objeto de estudo, iniciou-se a criação de *Selina e os corsários*. Esse teve como desafio finalizar o livro, com todas as fases abaixo descritas, ao longo de quatro meses. Adotou-se como premissa que o público-alvo seria de crianças com idade entre 8 e 9 anos, na fase chamada por Coelho (1991) de leitor em processo. Segundo a autora, nesta idade a criança já tem o mecanismo de leitura dominado e demonstra interesse em conhecer, em ser desafiada e começa a questionar o conteúdo que consome. Esta fase é ideal,

portanto, para o livro ilustrado, assim como este está alinhado ao que é recomendado para esta faixa etária: o diálogo entre texto e imagem reforçam o conteúdo narrativo.

Criação do roteiro

A primeira decisão foi fechar o tipo de narrativa que estaria condizente ao interesse do público-alvo, então optou-se por narrar um conto de fadas, por estar alinhado ao fascínio da criança por histórias pautadas na fantasia. A narrativa desenvolvida apresenta a aventura de uma sereia de 7 anos chamada Selina. Para a construção do roteiro, foi necessário entender quais partes compõem uma narrativa e quais as questões norteadoras. Desta maneira, McDonald (2010) e McKee (2010) foram os autores que auxiliaram na fundamentação metodológica. A partir de McKee (2010), foram extraídos os termos técnicos e os princípios básicos para construção de um roteiro, ao considerar que uma narrativa bem construída tem que passar uma mensagem clara ao leitor. Para isso, o autor da história deve conhecer as limitações existentes e quais são as configurações do mundo em que se passa a história. O autor deve ter em mente: onde se passam os eventos, o período histórico, o tempo de duração, os personagens em si e o tipo e o nível do conflito que ocorre, para, dessa forma, limitar o ambiente da ocorrência narrativa. McKee (2010) acredita que narrativas devem ser movidas por escolhas dos personagens e não coincidências. Os eventos ocorrem por meio de conflito. Para a ocorrência desse conflito, ele apresenta diversas estruturas para a narrativa, que podem ser: clássicas, antinarrativa ou mininarrativa. Conforme essa classificação, a estrutura narrativa de *Selina e os corsários* seguiu as bases propostas para o modelo clássico:

- Causalidade: as decisões tomadas pelos personagens conduzem a narrativa.
- Final fechado: um final único que feche todas as questões levantadas na narrativa.
- Tempo linear: os eventos ocorridos podem ser traçados um após o outro.
- Conflito externo: os eventos acontecem ao personagem, mas o intuito narrativo não é a descrição psicológica da personagem.
- Único protagonista: a história é centrada em um personagem principal.
- Realidade consistente: no ambiente apresentado da narrativa, tudo parece plausível, nada muda subitamente.
- Protagonista ativo: o personagem decide o que fazer, não é controlado pelo que acontece ao seu redor.

Já McDonald (2010) recomenda o uso de ferramentas criativas (exercícios de escrita e imaginação) para construir uma mensagem central. O autor defende que as histórias mais fortes sempre têm um tema ou uma situação que ditarão a construção narrativa, o que ele chama de “espinha dorsal”, e tudo deve ocorrer para torná-la coesa. A “espinha dorsal” deve transmitir uma emoção para o leitor, a partir deste pensamento, ele defende que a emoção é mais importante do que a lógica. Ele defende que a estrutura básica de uma narrativa deve ser dividida em três atos maiores, que se fragmentam em momentos menores.

Em *Selina e os corsários*, no primeiro ato são apresentados os Reinos (do Vapor e das Flores), para ambientar a narrativa em um mundo fantástico, em seguida são apresentadas as sereias que vivem no mar e controlam o clima. O segundo ato inicia-se quando a protagonista se perde da família enquanto escapam do Reino do Vapor e, na sequência, é encontrada por corsários do Reino das Flores. Nessa história, corsários são mercenários contratados por uma nação sem grande poder naval, e servem, entre outros propósitos, para patrulhar. No terceiro ato, a protagonista e os corsários escapam do Reino do Vapor e reencontram as sereias.

Diante dos conceitos acima explicados, para o roteiro de *Selina e os corsários*, foram realizadas quatro versões até a redação final. O primeiro esboço foi a estrutura narrativa, que descrevia os acontecimentos. A segunda versão serviu de base para as imagens, levando já em consideração o número de páginas da história, seguindo um caminho mais descritivo, sem levar em consideração que o livro ilustrado deve estabelecer a relação de complementaridade entre o texto e a imagem. Assim, a terceira versão levou em consideração contrapontos de gênero, de espaço e de tempo, além da narrativa centrada na protagonista Selina, permitindo que as decisões da personagem conduzissem a narrativa. Na última edição houve maior

refinamento de palavras e reiteração de alguns termos, com intuito de alinhar a linguagem verbal ao público-alvo.

Estudos de personagens

Durante o processo investigativo do roteiro, foram avaliadas quais as ilustrações que melhor representam a narrativa. Utilizou-se ainda modelos preliminares e os espelhos como ferramentas de controle que auxiliaram a visualizar se o estilo das ilustrações e os padrões gráficos estavam coesos ao longo do volume. As personagens foram desenvolvidas inicialmente de forma orgânica, sendo refinadas ao longo dos estudos da técnica (Fig. 1), com a finalidade de aprimorar a silhueta dos personagens, essenciais para a diferenciação entre eles. De acordo com estes estudos, avaliou-se que, para o público-alvo, a técnica da aquarela se mostrou mais efetiva.

Figura 1: Estudos de ilustração (da esquerda para direita): digital, aquarela, guache, lápis de cor e lápis hidrocor (acervo das autoras).



Storyboards e Espelhos

O primeiro desenho para o roteiro começou em um caderno pequeno, sem a preocupação com o formato ou a técnica de ilustração (fig.2). A partir desses esboços, selecionou-se possíveis frases para as passagens e foram observados detalhes que deveriam ser incluídos nas ilustrações. Num segundo momento de reflexão, debruçou-se sobre a composição, a mensagem, o tom e o ritmo. Essas ilustrações serviram como storyboard, por desenvolver a progressão das cenas do livro ilustrado.

Figura 2: Primeiro roteiro escrito com desenhos (acervo das autoras).



Nos storyboards, as cenas foram feitas soltas, sem levar em consideração a composição em relação a página e tamanho finais, sendo desenhadas em vários ângulos, para decidir como contar a narrativa de forma mais adequada (fig. 3). Isto faz parte do processo de decisão envolvido na criação. O texto ajudou a definir a condução de cenas, sendo em alguns casos modificado para se adequar à imagem. A seguir, houve o ajuste das ilustrações em relação à composição das páginas, conforme Mateu-Mestre (2010) defende como processo de criação e, por fim, optou-se pelo o tamanho final em 32 x 21 cm, formato considerado pertinente para o cálculo de aproveitamento de papel da gráfica.

Figura 3: Storyboards (acervo das autoras).



Por último, foram feitos os esboços de cenário, analisando a necessidade da integração entre a composição dos espelhos, a imagem e o texto. Neste momento, percebeu-se a complexidade narrativa para o público-alvo, sendo, então, necessário cortar cinco das cenas inicialmente propostas. A partir da decisão final da composição das páginas duplas, foi possível avaliar se o texto e a imagem se complementavam conforme a concepção do livro ilustrado, o que resultou numa nova revisão do texto.

Ilustrações e cores

O primeiro esquema cromático foi inspirado no trabalho de Eva Furnari, em que a ilustradora utiliza blocos de cores indicados em quadradinhos. Depois disso, foram testadas as cores ao lado dos quadros simplificados do terceiro espelho (fig.4), conforme sugerido por Mateu-Mestre (2010) para visualização geral da ilustração.

A partir do panorama cromático, foram feitos os testes em aquarela (Fig. 5). Optou-se pelo uso de 3 cores de base mais o branco, fornecendo uma paleta com maior complexidade tonal. Essa técnica utilizada por Gurney (2010) é chamada de *gamut mapping*, e oferece uma paleta limitada com variação de gama, saturação e valor.

Figura 4: Esquema cromático (acervo das autoras).

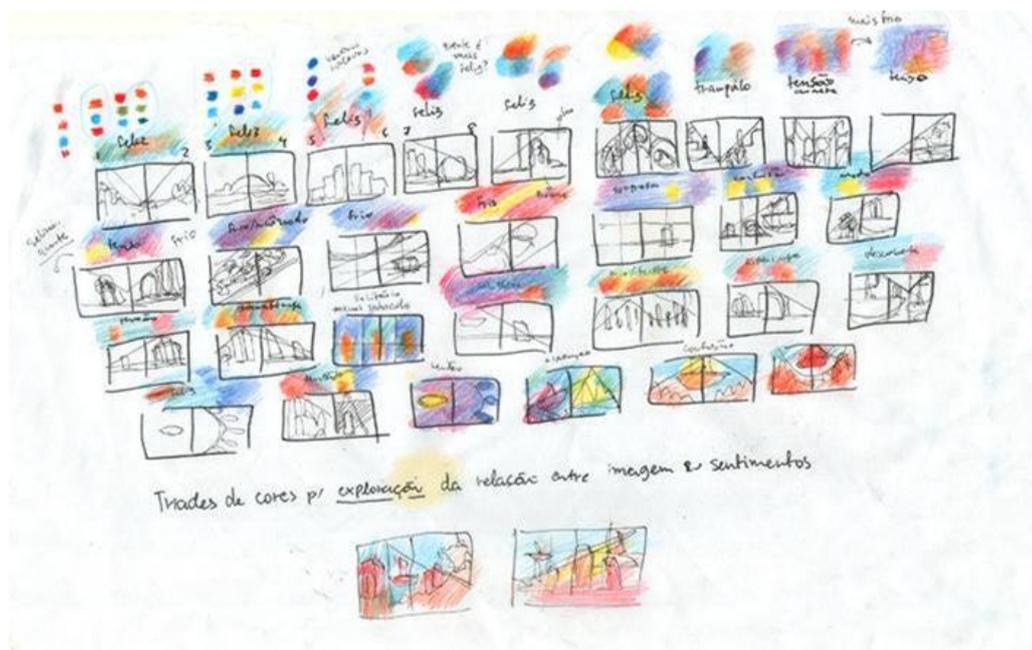


Figura 5: Avaliação cromática em aquarela (acervo das autoras).



Algumas das ilustrações consideradas principais foram finalizadas primeiro para servirem de exemplo para as demais e assim servirem para o planejamento da progressão de cores ao longo da narrativa. Para maior qualidade das ilustrações, foram estudadas algumas maneiras de ilustrar e avaliou-se o melhor resultado gráfico quando impresso. O processo escolhido foi o esboço em lápis aquarelado, seguido do traço final em nanquim e, por fim, o preenchimento em aquarela. Além disso, houve a necessidade de retoques de acabamento que foram feitos com lápis aquarelável, guache ou giz (Fig. 6).

Figura 6: Processo das ilustrações: esboço, traço em nanquim, preenchimento em aquarela e retoques (acervo das autoras).



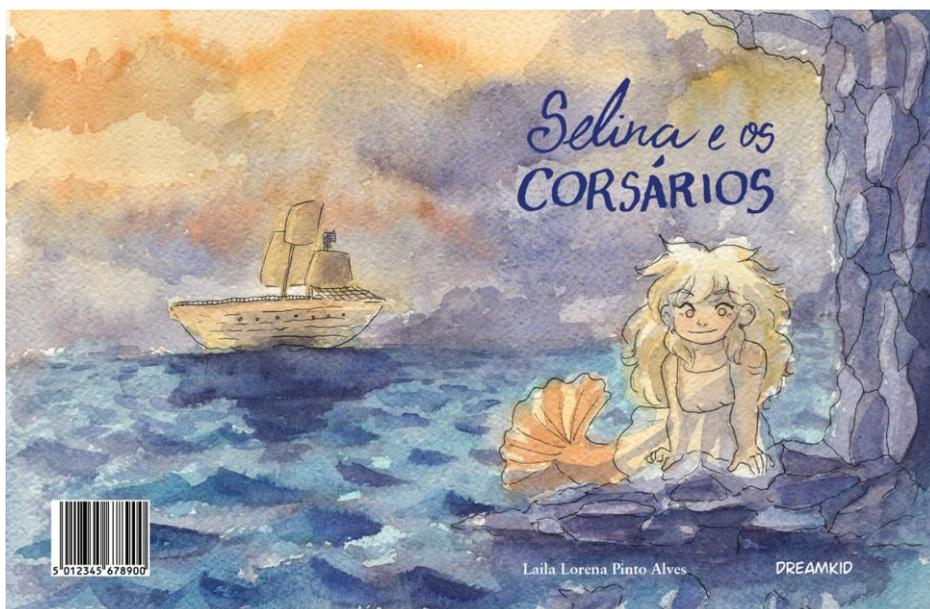
Finalização

Ao término das ilustrações, elas foram escaneadas e ajustadas digitalmente (Fig. 7). O texto foi adicionado em um programa editorial e a tipografia foi decidida pela adequação à faixa etária. Desta maneira, optou-se pela fonte Sabon por seu uso em diversos livros e pela legibilidade, utilizando a altura de corpo 18 e a entrelinha 20. A composição das ilustrações foi planejada para fornecer espaços de respiros destinados à diagramação do texto. Deste modo, o texto não obedeceu a um grid, ocupando esses espaços, além de observar o contraste nas ilustrações. Por último, a capa foi criada para mostrar a sereiazinha brincando e o título do livro foi escrito em pincel (Fig. 8). O protótipo final foi composto de 60 páginas impressas frente e verso, encadernadas com uma capa dura.

Figura 7: Ilustração diagramada (acervo das autoras).



Figura 8: Capa finalizada com título desenhado em pincel (acervo das autoras).



3 Considerações finais

O processo de criação apresentado neste artigo mostrou um possível caminho de projeto para a construção de um livro ilustrado. No entanto, não houve, ainda, uma avaliação do livro com o público-alvo, o que restringiu a efetividade do projeto para crianças. Conclui-se desta experiência que as etapas descritas cumpriram seu propósito, servindo de guia, especialmente durante a criação do roteiro. Acredita-se que a aplicação desta proposta de projeto editorial contribuirá com o campo do design editorial, incentivando pesquisadores a conceber livros para crianças.

Referências

- COELHO, N. N. 1991. *Literatura infantil: teoria, análise, didática*. 5. ed. São Paulo: Ática.
- FURNARI, E. 2017. Meiquinhofe. In: <<http://www.evafurnari.com.br/pt/>>, 05/05/2017.
- GURNEY, J. 2010. *Color and Light: A guide for the realist painter*. Kansas, Missouri: Andrews McMeel Publishing.
- LINS, G. 2004. *Livro Infantil? Projeto gráfico, Metodologia, Subjetividade*. 2.ed. São Paulo: Rosari.
- MATEU-MESTRE, M. 2010. *Framed Ink*. Los Angeles, California: Design Studio Press.
- MCDONALD, B. 2010. *Invisible Ink: A practical guide to building stories that resonate*. E-book: Liberty Co.
- MCKEE, R. 2010. *Story: Substance, Structure, Style and the principles of Screenwriting*. EPub Edition: HarperCollins Publisher Inc.
- NIKOLAJEVA, M. & SCOTT, C. 2011. *Livro ilustrado: palavras e imagens*. São Paulo: Cosac Naify.
- VAN DER LINDEN, S. 2011. *Para ler o livro ilustrado*. São Paulo: Cosac Naify.

Sobre as autoras

Laila Alves, bacharel, UFRN, Brasil <lailalorenapa@gmail.com>

Elizabeth Romani, doutora, UFRN, Brasil <romanibeth@gmail.com>